Um pouco sobre Paulo E. Vanzolini

Something About Paulo Vanzolini

Fernando Mendonça d'Horta[1]

1
Formado em Engenharia Florestal, Mestre em Zoologia pelo Museu Paraense Emílio Goeldi e Doutor em Genética e Biologia Evolutiva pela Universidade de São Paulo; atualmente é pós-doutorando pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e se dedica à pesquisa em evolução e biogeografia de aves neotropicais. Conheceu Paulo Vanzolini ainda criança, como grande amigo da família. Profissionalmente, conviveu com ele a partir dos anos 90, como estagiário no Museu de Zoologia da USP e depois pós-graduando.

A biogeografia é uma disciplina eminentemente de síntese. O biogeógrafo é aquele sujeito que bebe em diversas fontes do conhecimento (zoologia, botânica, ecologia, evolução, geomorfologia, climatologia, etc.) e as integra de modo a tentar reconstituir os cenários ambientais passados e os processos que deram origem aos padrões de diversidade biológica atuais.

Vanzolini combinava, de um modo raro, a precisão aguda do especialista com um olhar mais abrangente e generoso. Enxergava muito além das escamas dos lagartos. Das viagens não voltava apenas com os espécimes coletados e cuidadosamente organizados. Trazia, também, informações e impressões sobre as paisagens naturais e humanas das regiões visitadas. Parte dessas impressões estão documentadas em seus diários de campo.

Seu grande interesse e curiosidade, associados à rara capacidade de síntese são marcas de sua personalidade, claramente percebidas em sua produção científica. Como também são evidentes em suas composições e eram em suas conversas.

Para Vanzolini parecia não existir cerca. Circulava com facilidade por diversos ambientes acadêmicos e artísticos. Sua inteligência e simpatia (com aqueles que gostava), tornavam naturalmente fáceis esses movimentos. Influenciou e foi influenciado por pessoas de diferentes origens sociais e culturais. Reuniu em seu círculo de amizade mais próximo, além de companheiros de profissão, artistas plásticos, músicos, jornalistas, sociólogos, historiadores, etc. Teve uma vida extremamente rica do ponto de vista cultural.

Muitas dessas pessoas eram personagens assíduos das histórias que contava. Entre esses personagens pareciam ser mais frequentes os artistas plásticos. Não sei se falava mais destes do que dos outros em razão das minhas origens ou se de fato o convívio dele era mais intenso com esse grupo. Meu pai, Luís d'Horta; meu avô, Arnaldo d'Horta; Hector Bernabó (Carybé), Aldemir Martins, José Cláudio da Silva, Marcelo Grassmann, Clóvis Graciano, Aldo Bonadei, Francisco Rebolo, artistas de diferentes gerações, estavam sempre presentes. Mas também frequentavam suas conversas gente de outras áreas como Sérgio Buarque de Holanda, Oscar Pedroso d'Horta, Antonio Cândido, Luiz Lopes Coelho e Mário Neme.

As histórias que ouço desde pequeno se misturam àquelas contadas por Vanzolini. Embora não tenha vivido esse tempo, chego a ser saudoso. O que sobrou de lembranças das pessoas que participaram desse momento de intensa produção cultural do país sugere um ambiente extremamente rico e estimulante. Em São Paulo o quartel general era o Bar do Museu. Lá algumas gerações de artistas e intelectuais se encontraram ao longo de décadas.

Seu convívio com este grupo foi intenso. A marca de suas amizades está presentes em sua obra, assim como a sua é parte da biografia de muitos destes. Compôs músicas em homenagem a amigos como "Capoeira de Arnaldo" e "Toada de Luís". Escreveu textos para livros de artistas plásticos (por exemplo, *Terra Papagalorum* de Gerda Brentani). Foi responsável por vários prefácios de livros publicados por (ou em homenagem a) alguns desses artistas. Pela outra mão convidou amigos para ilustrarem livros (Aldemir Martins – *Tempos de Cabo*) e capas de discos (Luís d'Horta – *Onze Sambas e Uma Capoeira*). O material de trabalho do zoólogo também foi fonte de inspiração para alguns deles (por exemplo, *Esqueletos de Animais* de Arnaldo d'Horta).

Amigos mais próximos participaram, com ele, de viagens de pesquisa pelo Brasil. Em meados dos anos 60 levou Arnaldo d'Horta em uma campanha na Amazônia. As experiências (boas e não tão boas) dessa viagem renderam uma série de artigos

publicados no Estadão. Alguns anos depois o convidado foi José Cláudio da Silva. Durante a viagem pelo rio Madeira pintou uma série de telas que hoje fazem parte do acervo do Palácio dos Bandeirantes e que foram objeto de recente publicação (*José Cláudio da Silva: 100 telas, 60 dias e um diário de viagem*).

Quando comecei a conviver de forma mais assídua com Vanzolini, ele já se aproximava dos 70 anos. Dizia que o "cara lá de cima" já tinha chamado toda a sua turma, mas havia se esquecido dele. Ainda se mantinha firme, em plena atividade científica. Tive o prazer de acompanha-lo em várias viagens. Fiz, com ele, viagens à Mata Atlântica, Cerrado e Amazônia, e foi por sua mão que fui apresentado aos lavrados de Roraima, à Gran Sabana e ao Chaco. Nesta última, eu, ele e Celso Morato de Carvalho, cruzamos o Chaco de norte a sul, percorrendo Bolívia e Paraguai. Para todos era novidade. Embora a essa altura já tivesse algumas restrições físicas, o entusiasmo de Vanzolini era evidente. Falava dessa viagem com especial apreço. As viagens com Vanzolini misturavam uma rotina de trabalho metódico com momentos de descontração e ótima conversa.

Certa vez, ao participar de uma mesa redonda, realizada na Pinacoteca, sobre a artista plástica Gerda Brentani, Vanzolini, comentando o talento da artista falou: "A liberdade (com qualidade) na arte se adquire através da escravidão da disciplina". Frase marcante e reveladora do seu estilo, um sujeito cuja disciplina no trabalho, obviamente associada à sua inteligência, resultou em uma contribuição científica de enorme importância.

Essa disciplina por vezes se revelava estoica. Mesmo durante os períodos das crises de malária, por exemplo, mantinha sua rotina de trabalho das segundas aos sábados. Reclamações eram, muitas vezes, respondidas com uma frase de seu pai: "se o mundo fosse bom, o dono morava aqui". A frase parecia servir como fonte de inspiração. Geralmente, após dizê-la, virava as costas e continuava a trabalhar. "Bom, deixe-me continuar o que estava fazendo, afinal sou pago para trabalhar, não para conversar!".

Foi mantendo firmemente sua rotina de trabalho, muito além de sua aposentadoria compulsória, que produziu uma das maiores e mais importantes contribuições em sua área. Além de livros e outras publicações científicas, escreveu mais de 150 artigos. A maior parte deles, como único autor. Não era muito amigo das colaborações, como ele mesmo dizia. Entretanto, o trabalho de maior repercussão, foi aquele elaborado em parceria com seu amigo Ernest Williams intitulado: *South American Anoles*: The geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Saurio, Iguanidae), publicado nos Arquivos de Zoologia em 1970. Este, junto com o artigo publicado pelo ornitólogo alemão Jürgen Haffer (1969) foram os precursores da hipótese dos refúgios para a região neotropical. Um marco dos estudos de biogeografia da região.

A hipótese dos refúgios, desde sua proposição, se mantém extremamente viva na literatura científica. Tem sido analisada e testada a partir de conjuntos de dados de diferentes naturezas. Muitos autores questionam suas predições espaciais e temporais. Entretanto, o grande mérito da hipótese dos refúgios foi o de propor um modelo de diversificação baseado na ideia de que a distribuição atual das florestas (e também dos ambientes abertos) da América do Sul não teria sido a mesma do passado. Essas mudanças teriam sido produto de alterações climáticas ocorridas ao longo do Quaternário. Essa proposta rompia com o paradigma de estabilidade climática das regiões tropicais, como a Amazônia, ideia defendida por gerações de pesquisadores.

Vanzolini teve a ciência como profissão e arte como *hobby*. Em ambos atuou como poucos. Mas quando perguntado sobre seus talentos frequentemente respondia: “O que eu faço bem mesmo é cuidar de Paulo Vanzolini!”. Isso, tenho certeza, fez como ninguém.